

Apresentação

O presente volume da Revista História e Ensino (vol 12) apresenta um quadro da temática do ensino de história enquanto possibilidade de pesquisa. Diversas abordagens, metodologias, espaços e sujeitos analisados dão conta da ampliação desse objeto de reflexão por parte dos pesquisadores. Inicialmente, podemos dizer, configurava-se como um estudo da história da disciplina de história no ensino fundamental e médio, incluindo os livros didáticos, ampliou o universo de estudo para sua formulação e avaliação dos materiais didáticos; os procedimentos e práticas de ensino na Universidade; a educação ambiental e o ensino de história; os significados da história para diversas categorias profissionais, como os militares; etc. Este número da revista com 13 artigos de pesquisadores de diversos locais do país, demonstra claramente essas tendências.

O volume inicia-se com o texto de Airton de Moraes, “Historiografia e ensino de história: algumas reflexões sobre o ensino fundamental”, no qual apresenta alguns resultados de sua pesquisa sobre a influência das vertentes historiográficas no dia-a-dia do professor de História que atua no Ensino Fundamental. Sua estratégia foi escolher turmas de alunos da 5ª série sendo uma da rede pública e outra da rede particular de ensino.

André Victor Cavalcanti Seal da Cunha, no artigo “As narrativas históricas escolares e suas matrizes de referência” busca analisar a estrutura discursiva das narrativas para identificar as matrizes historiográficas que servem de referência na sua transposição didática. Através da investigação de professores atuantes nos ciclos finais do ensino fundamental (3º e 4º Ciclos) de quatro escolas da rede. O artigo mostra a existência de diversas matrizes historiográficas participando das (re)invenções, mas como uma preponderância do Marxismo.

O artigo “O Imperador e as ciências. Sobre a construção de um mito” de Alda Heizer, tem como objeto de análise um corpo historiográfico produzido entre os anos de 1920 e 1940, que enfatizou a exemplaridade do imperador Pedro II. A reconstrução da imagem, porém, foi atualizada nos museus, nos livros didáticos de história e, também, nas pesquisas de História das Ciências.

Bruno Bezerra Cavalcanti Godoi, em “Biografia e desempenho do docente: como melhorar a qualidade do ensino de história?” parte de uma pergunta que é o grande desafio para a educação brasileira no momento, a qualidade do

ensino. Procura; demonstrar através de entrevista e com suporte bibliográfico, responder a questão, apontado ao final algumas alterações na formação de professores com o objetivo de melhorar a qualidade de ensino.

“Contar a vida, pensar a história — Experiências na utilização das fontes orais no ensino da história”, de Cleusa Maria Gomes Graebin e Rejane Silva Penna, analisam as fontes orais para o estudo e o ensino da história. Através da análise de experiências de trabalho com fontes orais em um curso superior de Licenciatura em História, bem como em outro de ensino fundamental, as autoras demonstram os problemas e possibilidades do recurso do depoimento no ensino de história.

Gerson Wasen Fraga no artigo “A educação como elemento de reconstrução nacional: o caso da Nicarágua sandinista”, explora o papel político que a educação pode assumir em um momento de “reconstrução de uma nação”. O objeto de análise do autor são os objetivos, alguns aspectos de sua organização e, ainda, os principais pressupostos teóricos da Cruzada Nacional de Alfabetização ação desenvolvida pelo governo Sandinista da Nicarágua após sua ascensão ao poder em 1979.

Em “Consciência histórica, ensino de história e a educação ambiental”, Gilmar Arruda, sugere desdobrar, ou ampliar, o conceito de ‘consciência histórica’, proposto por Russen, apontando a necessidade de se considerar os aspectos históricos e espaciais na educação ambiental. O autor propõe então a denominação como “consciência histórico-ambiental” ou “consciência sócio-histórico-ambiental”.

“Alternativa de intervenção social para o estágio supervisionado: minicursos em questão”, de Isaíde Bandeira Timbó, toma como objeto de análise o Estágio Supervisionado e o Ensino de História. Reflete como uma proposta de trabalho com projetos de minicursos pode significar tanto uma intervenção sócio-pedagógica concreta no cotidiano escolar e, também, na formação docente do historiador-educador.

Itamar Freitas no texto “A historiografia escolar na Comissão Nacional do Livro Didático: pareceres de Jonathas Serrano (1938/1941)” nos apresenta os inícios da avaliação dos livros didáticos no Brasil. Através dos pareceres de Jonathas Serrano, o autor busca respostas para questões bastante recorrentes na pesquisa sobre a história do ensino de história no Brasil: o que é ser didático? Quais os traços dominantes na produção da historiografia destinada à comunidade escolar?, etc.

“História e cinema: luz, câmera, transposição didática”, de Liz de Oliveira Motta Ferraz e Vanessa R. S. Cavalcanti aborda as chamadas novas perspectivas no ensino de História. Através da linguagem do cinema, o uso de filmes comerciais na sala de aula, como apoio no processo ensino-aprendizagem, analisam suas vantagens e cuidados na sua utilização, enfatizando o papel do professor como mediador entre película e alunos, através da sua transposição didática.

Méri Frotscher, no artigo “Memória oficial em sala de aula: percepções de alunos do ensino médio e fundamental de Marechal Cândido Rondon – PR sobre patrimônio e bens culturais locais”, expõe-nos uma extensa pesquisa realizada com alunos daquele município. Seus objetivos eram de investigar as diferentes noções de patrimônio; quais bens culturais eram considerados significativos para o patrimônio local e sob que razões e a relação entre tais concepções e memórias existentes na e sobre a cidade. Os resultados apontados pela autora vão além da simples constatação da idéia de patrimônio atingindo o ‘imaginário político’ local.

“Estágio: Contribuições para a formação do professor de história”, de Sandra Agostini e Elison Antonio Paim, também toma como campo de pesquisa as práticas de formação dos professores de história no país, através da investigação do estágio. O objetivo principal é entender como professores de História avaliavam o estágio enquanto elemento constitutivo de sua formação inicial.

Finalmente, o artigo de Tania Regina Pires de Godoy, “O estudo da guerra em história militar segundo os futuros líderes das forças armadas brasileiras”, representa parte dos resultados da pesquisa de campo acerca do ensino de História Militar ministrado nas três Escolas de formação de oficiais brasileiros. A intenção é mostrar como os alunos militares compreendem a importância do estudo da guerra em História Militar, para a formação e para o exercício profissional militar.

A equipe do Laboratório de Ensino de História/UEL, a Comissão Editorial da Revista História e Ensino e o seu Conselho Consultivo, agradecem a Fundação Araucária, pelo suporte financeiro, e a todos os autores que colaboraram nesse volume, pois são seus artigos que demonstram a relevância das discussões aqui publicadas e o significado que a revista possui.

Gilmar Arruda
Comissão Editorial